

Trabalho fies A Entrevista

Sem santo nem senha

FOR JOAQUIM LEITÃO



PADRE DOMINGOS PEREIRA — o celebre guerrilheiro de Cabeceiras de Basto

N.º 7 — Numero avulso 60 reis — 24 - XII - 1913

NÃO SE ACCITAM ASSIGNATURAS

Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

A ENTREVISTA — Numeros publicados :

Numero 1. — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO, em que o antigo ministro e heroe d'Africa conta a sua temeraria entrada em Portugal nas vespersas dos acontecimentos de outubro ultimo e como conseguiu sahir de Lisboa, escapando ás auctoridades conhecedoras da sua estada na capital.

Numero 2. — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.

Numero 3. — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE — Primeiras impressões — Sob um aspecto brusco uma pessoa finissima e um elegante conversador — O seu ultimo almoço em Paris — O Morgado de Matheus — O Conde de Mangualde amoroso investigador de archivos — Os cadernos de erratas da edição dos «LUZIADAS», publicada pelo Morgado de Matheus — Madame de Souza, mulher do erudicto, e Napoleão I — Uma sessão da Academia Franceza em honra do Morgado de Matheus — O Conde de Mangualde no combate de Chaves — Um bravo — Morrendo todos os artilheiros, o Conde de Mangualde vae debaixo de fogo para uma peça — O «gentleman», o soldado e o amigo — Uma figura completa de homem de acção — As apparencias enganam — Um homem que ganha em ser conhecido — A noticia da prisão do Conde de Mangualde impressiona profundamente todos os emigrados — Imprevisto lance — Os seus presentimentos, etc., etc.

Numero 4. — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.

Numero 5. — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA — Um republicano historico exilado sob a Republica — A Monarchia, processando o Dr. Cunha e Costa, por delictos de imprensa, fal-o emigrar em 1891; a Republica, passando contra elle ordem de prisão, fal-o exilar em 1913 — O partido republicano e o dr. Cunha e Costa — Collaboração de Cunha e Costa na legislação republicana do Governo Provisorio — O antigo propagandista republicano desenganado da viabilidade da republica portugueza — A sua fuga de Lisboa — Declaração da sua actual indifferença pelas formas de regimen — O que vae fazer agora o dr. Cunha e Costa — As suas previsões sobre a politica portugueza — A admiravel resistencia da raça portugueza — Portugal não morre — A restauração da monarchia é inevitavel como dos males o menor, affirma-o o antigo e historico republicano sr. dr. Cunha e Costa.

Numero 6. — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde — Ferreira de Mesquita na Galliza e no Exilio — A sua caderneta militar — Um cadête com batalhas na sua folha de serviços — Como um rapaz troca Paris pela cadeia — Como foram presos o Conde de Mangualde e o seu ajudante Ferreria de Mesquita — A versão exacta dos factos narrados por Ferreira de Mesquita — O seu depoimento sobre o combate de Chaves — Uma carta commoventissima de Paiva Couceiro.



S. Dominguez Garcia

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 7

24-12-1913

O Levantamento de Cabeceiras de Bastos

em Julho de 1912

A GUERRILHA DO PADRE DOMINGOS

Quem é o famoso agitador minhoto

Por entre os esbrazeados calores de julho de 1912, ouvimos alumiarem em Cabeceiras houvêra tumultos, tiros, que um punhado de homens marinhára os sérios, tinham marchado forças que recuaram desordenadamente, depois a terça parte do exército português se mobilisára para cercar uma guerrilha e incendiar umas casas, e depois... tudo se sepultára na confusão e nas cinzas d'esses escombros.

O que fôra esse levantamento?

Como irrompêra essa leva de heróis genuinamente populares que, — á mesma hora a que a columna de Paiva Couceiro transpunha a raia para a marcha sobre Chaves —, surgia nos cabêços do Minho?

Como se formára essa guerrilha do Padre Domingos?

Quem era esse Padre Domingos?

Era — como quizeram fazer crêr os jornaes para os quaes todo o que não está por elles é «reaccionario» —, um fanatico sacerdote que andasse pelas ravinas minhôtas a prégear a guerra santa, de arcabuz ao hombro e crucifixo em punho?

Era um ultramontano, um instrumento clerical, um delegado de alguma seita negra?

Não.

O Padre Domingos ha dez annos que desvestiu a sua batina, ha dez annos que não diz missa, ha dez annos que as contingencias humanas o apartaram da sua missão divina.

Não se confunde, porém, com o charlatão que, evocando um duvidoso scientismo de cordél, espécula com uma grosseira aposthasia.

O Padre Domingos não aposthatou. Uma attitude eleitoral, mantida com a intransigencia com que os homens de honra defendem a sua palavra, incompatibilisou-o com o Arcebispo.

Cahido sob o gladio do fóro ecclesiastico, o Padre Domingos não se esqueceu do que devia a esse fóro e ao seu próprio character divino. Não foi fazer praça de um peccado, que até então, não commettêra, accetou nobremente a situação humana creada, e, longe de cuspir sobre a sombra da thiára, foi o melhor guardador do rebanho sagrado.

Padre mal comportado, que apparecesse pelo concelho ou redondezas, era perseguido pelo Padre Domingos, não por vingança, mas por esta alta razão :

—« Para desgraçado basto eu ! Elles não sabem a tortura a que isso leva, a mim compete velar por elles como irmão mais velho ! Não quero que o meu exemplo faça mal a ninguém !... »

E perseguiu-os, dando assim a prova irrefragavel de que a fé se lhe não apagára da alma que tão elevadamente respeitava a natureza divina do sacerdocio.

O povo, com o seu genial instincto de justiça e de belleza moral, tanto comprehendeu a grandeza da sua complicada tortura que lhe conservou o tratamento. E a esse homem, que deixára crescer o bigode, mas em cujo coração não crescêra a herva damninha da baixeza, o povo continuou a chamar-lhe carinhosamente o « Padre Domingos ».

Nada no exterior d'esse homem inculca hoje o padre ; mas nada tambem o deixa confundir com o aposthata desvergonhado.

Ha, na sua presença, uma suggestão de belleza moral, de elevação, de força, de sentimento, de doçura e de rigeza psychica que levanta o espirito e produz admiração a mais enternecida.

E' um homem alto, hombrudo, e trigueiro. A vida de caçador cortou-lhe de vincos a cara, e ensinou-lhe quantos córregos e ravinhas ha por aquellos sitios. O cabelo, embora rareie, chega para o compor. Menos cheio o bigode e mais anguloso o rosto, e o Padre Domingos seria o retrato de Mouzinho d'Albuquerque: a mesma altura, o mesmo abobadar de ómoplatas com que os homens altos attenuam o exagero da linha média, o mesmo bronzeado de côr, e o mesmo retalhado de pelle pelo rosto, geitos que a motilidade physiologica deixa ao passar, sem se demorar o tempo de embeber a agua forte da ruga, n'essa gravura da alma.

Antes d'elle sorrir com os labios, sorriem-lhe os grandes olhos redondos n'uma expressão de viveza bondosa, de magoada melancholia. Mas se pela memoria lhe perpassa factos que o irrite, com essa lestidão de ouvido de caçador, todo elle se prepara para o ataque e os olhos deitam-lhe todos os lumes da cólera, para se cerrarem logo até deixarem de enxergar a maldade humana e só vèrem o perdão do mal feito, para sem transição se elevarem ante outras figuras nobres e brilharem razos d'agua.

Na mesma hora, a figura annuncia a doçura, a crueza e o enthusiasmo exaltado e commovido pelas bellezas moraes.

Senhor de si, é homem para poupar um tiro se é inutil, para fuzilar embora toda a humanidade se lhe agarre aos joelhos, e só ha uma força que domina aquella força: a creança. Essa, sim, que tem poder para lhe abaixar o cano da espingarda, que

nem metralhadoras nem artilharia nem bombas fariam calar.

Sabendo de c6r e salteado desde pequenininho, quanto caminho e atalho encorrilha a provincia, intimo e camarada de quanta pedra teem as serras nataes, companheiro de caçadas do sol mais duro, conhecendo pela voz e pelo andar cada habitante do concelho, — a meiga figura do Padre Domingos, com a elegancia da força e a rigeza da bondade, é uma figura completa de guerrilheiro, a que nem sequer falta a serenidade.

No dia em que esse homem subisse

às suas serras, e em vez de assobiar aos cães para uma batida às perdizes, soprasse a buzina da revolta, era fatal que o Padre Domingos teria tudo por elle, e só de lá desceria quando, ante tanta chan, julgasse inutil andar alcandorado.

N'essa hora, a lenda tomaria amorosamente conta do seu nome, e collocar-o-hia na memoria regional, a par dos seus irmãos das luctas passadas.

Foi o que succedeu na manhã de 6 de julho de 1912.

N'esse dia o concelho de Cabeceiras estonteou Portugal todo.

FALECEU

o famoso guerrilheiro
de Cabeceiras de Basto

Padre Domingos Pereira

BRAGA, 25 — O padre Domingos Pereira que tantas vezes desafiou a morte em actos de rara bravura, homem de antes quebrar que torcer, fiel á sua Pátria e ao seu Rei, figura lendária de guerrilheiro e de político, em todo o País conhecido pelo «Padre Domingos de Cabeceiras» — faleceu hoje, quasi isolado de tudo e de todos, na sua casa do Bairro da Raposeira, em Cabeceiras de Basto.

Contava 86 anos.

Quando a sua mocidade desponsava para a vida, militou no partido regenerador.

Destacou-se de tal forma, que Hintze Ribeiro lhe consagrou uma consideração especialíssima.

Depois de implantada a Republica foi dos mais dedicados e bravos colaboradores de Paiva Couceiro.

Foi elle que, verdadeiramente, organizou e comandou as guerrilhas de 1912, a quando das incursões monárquicas tendo chegado a restaurar a Monarquia em Cabeceiras de Basto.

O seu predomínio foi de tal ordem que o Padre Domingos ficou célebre na história das incursões couceiristas.

Fracassado o movimento restauracionista fugiu para Espanha onde viveu exilado durante largos anos.

Nunca, porém, deixou de trabalhar pela restauração do antigo regime num constante esforço de grande português.

Em 1918, regressou a Portugal e apoiou, sem disfarces, Sidónio Pais. Colaborou, depois, na Monarquia do Norte, havendo sido comandante das forças que fizeram frente, em Mirandela, á «coluna negra», comandada pelos officiaes Cabrita e Helde, Ribeiro.

O Padre Domingos Pereira era de elevada estatura, desempenado, verdadeiro tipo de montanhês, enérgico, franco e leal, rude por vezes.

A sua fé e a sua devoção patriótica não conheciam limites. Por isso mesmo foi chamado a Londres, para falar ao Senhor D. Manuel e dizer o que entendia sobre os destinos da Causa.

Conduziu-se de tal modo que o saudoso Rei passou a considerá-lo um dos seus grandes amigos. Pois o Padre Domingos nem amável soube ser. Falou a linguagem desasomburada dos antigos portugueses que amavam o seu Rei, mas não hesitavam em apresentar-lhe os queixumes do Povo.

Também interveio, directamente, no Pacto de Dover, que procurou restabelecer a harmonia entre os Legitimistas e os Liberais portugueses.

Tendo voltado para o exílio em 1919, só depois do 28 de Maio regressou, definitivamente, á Pátria. Era o n.º 1 dos exilados portugueses.

Passou alguns anos em Braga, sempre acarinhado pelos seus e por uma pequena roda de amigos, á frente dos quais devemos pôr o grande nacionalista dr. António Valadares Botelho, que tinha pelo grande e esforçado guerrilheiro monárquico a maior veneração.

Motivos de doença fizeram-no recolher á sua terra natal onde hoje expliou.

Desaparece, pois, com elle uma figura, hoje raríssima, de português antigo, de carácter lídimo, de coração sempre aberto aos actos da maior generosidade e grandeza.

Morreu no seio da Igreja a que se devotara, tendo recebido á hora da sua morte os Sacramentos.

Paz á sua alma e á illustre familia a que pertence a expressão sentida do nosso profundo pesar. — C.

4 Vozes
26/11/1945

ENTREVISTA

COM O

PADRE DOMINGOS

Como se liga á segunda incursão este elemento até então desaproveitado — Quando a estrada da desgraça é a mesma da honra, os homens de bem mettem por ella, sem hesitação — O aviso de Couceiro para o levantamento — A madrugada de 6 de julho em Cabeceiras — A morte do administrador de Cabeceiras — O combate com forças de infantaria 18 — Nas serras — A cavallaria e a artilharia mandadas contra a guerrilha — Em demanda de novas da columna de Paiva Couceiro — A dissolução da guerrilha — A casa do guerrilheiro destruida a fogo — Encontro do padre Domingos e de Paiva Couceiro.

Ainda hoje, porém, se não sabe ao certo o auto que, de 6 a 24 de julho de 1912, se representou ao grande ar em Cabeceiras.

Só a propria guerrilha o saberia dizer, porque os que com ella cruzaram fala, fizeram-o tão d'olhos fechados pelo terror, que não viram o que nos tres pontos cardeaes, a cavalleiro de Cabeceiras, se passava.

Ora a guerrilha de Cabeceiras consubstanciou-se no Padre Domingos, como sóe succeder aos vultos que synthetizam uma época, ou um movimento. A guerrilha tinha verdadeiros gigantes, hercules tão valentes e afeitos ao perigo como o proprio chefe, mas todas as qua'idades d'aquel-

las centenas de homens se viram, a um vidro d'augmento, espelhadas e sommadas no Padre Domingos.

Elle consubstanciou-as, elle foi a guerrilha toda, toda a guerrilha lhe tomou a figura e o nome.

Só o Padre Domingos poderia dizer como se fez e o que fez a guerrilha.

E disse-nol-o com a dolorosa simplicidade dos homens d'acção, para quem a voz humana só é apreciavel quando commanda.

— A 2 de julho — historia, sem entusiasmo, o Padre Domingos — eu vinha a cavallo pela fronteira, para ir a Hespanha dizer ao capitão Paiva Couceiro: *chame fulanos!* E na cara d'elles, porque só o faria na presença

d'elles, cara a cara (*affirmou, elevando a voz, e com o olhar em revolta*) dizer então a Couceiro: *o senhor tem sido vilmente enganado. Porque foi, o Couceiro foi enganado, e vilmente! A prometterem-lhe dois mil homens, gente que não dispunha de duzentos, a affirmarem-lhe que este e aquelle elemento estava trabalhado quando eu sabia que não estava, e o pobre Couceiro, que é uma alma grande, um character, (e a mascara do Padre Domingos perde a sua dureza de bronze, os olhos castanhos arrazam-se-lhe de agua)* aquelle homem a acreditar que tudo se levantava!...

O Padre Domingos trabalhando para a segunda incursão.

— Mas, ó Padre Domingos! o que era isso, era traição?

— Não, senhor. Eram fanfarrões que appareciam ao Couceiro. Olhe, a primeira vez que o Couceiro me escreveu, uma extensa carta por signal, perguntava-me se eu o queria ajudar e se podia arranjar 400 homens.

— Isso foi?

— Depois da primeira incursão, no dia 1 de novembro de 1911. Eu na primeira incursão não estava mettido n'isto. Andei pelo Porto a offercer-me ao Pinheiro Torres, e a outros meninos, e ninguem me quiz para conspirar. Como ninguem me quiz, metti-me em casa, e só soube da primeira incursão pelos jornaes. Depois aquella gente de Felgueiras creio que contou ao Couceiro que fôra eu que a passára para Hespanha, como de facto fui. O Couceiro soube, então, da minha existencia, e escreveu-me. Queria quatrocentos homens; quatrocentos, eu tinha. Prometti-lh'os. Se me pedisse oitocentos, respondia-lhe que lh'os não dava, porque os não tinha. Podia arranjar

lh'os, com outros amigos, como arranjava 1.000, 2.000, 3.000, mas não eram meus. Não ha homem nenhum em Portugal que disponha de dois mil homens, seus, nenhum! Mas quatrocentos podia-os garantir ao Couceiro. Dias depois, elle especificou que queria quatrocentos homens mas todos reservistas. Alto! que não tenho... Quatrocentos reservistas, não!...

— E respondeu isso ao Couceiro?

O aviso para o levantamento.

— Claro! ora nem todos falavam com esta franqueza ao Couceiro. Vontade de o servir, vaidade de parecer maiores que o que eram, e o resultado foi aquelle que se viu.

O Padre Domingos puchou o bigode, mordiscou-o, dobrou o pescoço ao peso d'aquella fatalidade consumada, ainda atirou duas ou tres vezes com os hombros o gesto d'um desenganado desespêro, que já nem reputa utilidade em falar, mas por fim decidiu-se:

— Eu previ-o, previ tudo. As coisas passavam-me pelas mãos, e eu ia fazendo o meu juizo. D'alguma coisa avisei o Couceiro, por carta: pois essa correspondencia não chegou toda ao seu destino!... Houve um homem que quando tudo passado, eu, já em Hespanha, me ia avistar com o Couceiro, me pediu misericordia. E eu... poupei-o. O mal estava feito... Para que? Falar era antes!... Sabendo que continuavam a enganar o Couceiro, resolvi montar a cavallo, e ir a Hespanha aonde ao Couceiro, desenganal-o, abrir-lhe os olhos, dizer-lhe: *«Você vae para o fracasso. N'essas condições eu acho que V. não exigirá de mim que me sacrifique e sacrifique inutilmente os meus amigos!...»* E o Couceiro não sacrificava,

aquelle character é o character mais nobre com que tenho tratado n'este mundo! (*Exclamou o Padre Domingos, erguendo os punhos e cerrando as palpebras, para dar uma reprêza á emoção*). Mas no caminho, encontrei o portador que me ia levar o aviso do Couceiro: «*A incursão é de 5 para 6. Espero que cumpra as ordens que tem*». Era tarde para me desligar. Podiam dizer que era mêdo. Voltei para traz, e mandei chamar cinco ou seis amigos, a quem disse: «*O Couceiro entra de 5 para 6. Vae para o fracasso*» — «*Porquê?*» perguntaram-me elles — «*Porque está vilmente enganado. Eu ia dizer-lhe isto mesmo, quando se cruzou commigo o portador com o aviso da entrada. Nestas condições, voltei para traz, e mandei-vos chamar para vos dizer que vos desligo do vosso compromisso*» — «*E você, Padre Domingos, o que faz?*» — «*Ah! eu é outra coisa. Eu dei ao Couceiro a minha palavra, não tive tempo de me desligar, vou para deante. Sei que vamos para o fracasso, mas vou!*» — «*Pois nós vamos consigo para onde você fôr!*» responderam os rapazes.

E o rosto do Padre Domingos empallideceu de commovido, ao contar o rasgo admiravel d'aquelles homens querendo acompanhal-o, e acompanhando-o, para o fracasso, para a derrota, para a transida desgraça dos exilios, certos e informados de que iam para o fracasso. Mas os homens d'aquella tempera, passam da commoção á serenidade, da cólera ao sorriso, com a rapidez que os céos tropicaes sorriem illuminados de sol e se rompem em aguaceiros.

Seccando ao calor da sua serenidade aquellas lagrimas de gratidão pela gente dos seus sitios e da sua raça, o Padre Domingos proseguiu:

— A ordem que eu tinha do Cou-

ceiro era de me levantar de 5 para 6, e marchar para leste, assim que tivesse noticias da marcha d'elle. Na sexta-feira, á tarde, cinco de julho, mandei oito homens cortar os fios e as pontes.

Torneio de tiro aos pombos — Estratagemas de conspirador.

— Deu essa ordem de tarde?

— Ah! eu já não tinha mêdo de que me fossem lá buscar. Mesmo sem o Couceiro entrar ou não entrar, havia dez dias que eu estava em condições de rebentar com aquillo. Tinha lá gente, armas, e os homens adextrados.

— Adextrados? No tiro?!

— Sim, senhor. Como queria que eu mettesse armas de guerra na mão de homens que nunca na sua vida pegaram senão em caçadeiras? E além da necessidade de conhecerem a arma, estava indicada a vantagem de se trenameo no tiro. Então, eu de que me havia de lembrar? Refleti: se me ponho ahí a dar tiros, ouvem, apprehendem-me as armas, prendem-me gente, e está tudo perdido. Espera ahí que eu te arranjo, disse cá commigo! E metti na cabeça de varias pessoas, que era preciso fazer um torneio aos pombos, animar a vida de Cabeceiras, agitar aquelle meio com divertimentos, sahir d'aquella modorra. A idéa chegou ao administrador, que era de fóra, e ficou todo entusiasmado com aquella perspectiva de crear, elle, um enviado da republica, uma vida aristocratica em Cabeceiras. Ficou combinado que se faria já não era um, mas dois torneios de tiro aos pombos. Para os atiradores se prepararem para o torneio, tinham de se ensaiar no tiro ao alvo. *A' vontade!* — declarou o administrador. Foi o que

eu quiz ouvir. Levei os homens para uma adega, e pul-os atiradores especiaes. E tive de parar com o torneio aos pombos, senão gastavam-me as balas que eu tinha para o meu torneio. Já não precisava de mais exercicio. E quando chegou a ordem do Couceiro eu estava mais do que preparado. Dava um dóce a quem me fosse lá prender. Por isso, mandei os oito homens cortar os fios e as pontes. Elles foram, fizeram um estrago medónho e eu fui-me deitar.

O levantar da guerrilha de Cabeceiras.

Sorrimos d'aquella paz d'alma com que o guerrilheiro contou que, dada a ordem para commetter o primeiro signal de levantamento, se fôra deitar.

— Pois, claro! não tinha mais nada que fazer, fui-me deitar. Não p'rá minha casa, — distinguíu Padre Domingos — que não estava para ser apalhado de surpresa. Já tinha o exemplo n'outros. Fui para outra casa.

— Não avisou o povo?

— Não era preciso. Em elles ouvindo o primeiro tiro, eu sabia que havia de ter gente de sobra. E assim aconteceu. De manhã, ainda eu estava na cama, seriam para ahí as seis, das seis para as sete, ouvi um tiro. Levantei-me, e d'ahi a pedaço, ainda eu estava a vestir-me foi ter commigo um dos rapazes que tinham ido cortar os fios. — « Que ha? já ha tiros? » perguntei. — « Que hade ser? » respondeu o rapaz. « *Andam a compor os fios. Nós estávamos a ver, e o administrador, com a guarda fiscal e os guardas dos Tabacos deram por nós, e arrumaramos para cá um tiro, mas não acertou em ninguém.* » A gente que áquella hora se erguia para ir para o trabalho, ouvira tambem o tiro, e come-

çára a juntar-se. Todos os dias se esperava a entrada do Couceiro, o povo calculou logo: — « isto é por ahí o Paiva Couceiro que entrou, e o Padre Domingos rebenta com isto hoje, por isso nem vale a pèna a gente começar o trabalho. » E foi-se juntando. — « Bem, vamos já a isso! » disse eu. Os rapazes queriam deitar as unhas ás armas e ir logo atacar a guarda fiscal. — « Não, esperem lá! » Assim que me acabei de vestir já estavam 30 homens em armas. Distribui armas aos mais. O administrador corrêra tudo por um automovel, mas não encontrou quem lh'o alugasse; por muito favor lá arranjou uma *victoriasita*, metteu-se dentro e foi pela estrada de Roussas, para Braga. Os homens quizeram ir atacar o administrador, e eu não consenti. — « Não, senhor, o homem vae fugido, deixal-o ir. Não faz mal nenhum. » — « Mas vae avisar a Braga! » — « Melhor!... »

Desarmando a guarda fiscal.

— Vamos a apurar bem isso: o administrador sabia da povoação, e a guerrilha deixou-o sair, são e salvo?

— Sim, senhor. A 5 kilometros, em S. Nicolau, homens meus viram passar o administrador, e quizeram atacal-o, mas lembraram-se que se nós o deixáramos sair cá de baixo, é porque lhe não quizeramos fazer mal. Mandaram lhe fazer alto, para o demorar até, á cautela irem á Villa receber ordens e por atalhos, que são só 3 kilometros, mandaram dar conta d'isto. Eu respondi que o deixassem sair. E o administrador seguiu, mas a pé, porque o cocheiro disse-lhe que não passava d'alli. E mesmo que quizesse não podia passar porque a estrada estava cortada com pinheiros. Sem me occupar nem me preoccupar

mais com o administrador, viemos para baixo, fomos ao hotel onde se recolheram as praças da guarda fiscal, e tomamos-lhe as armas e munições.

A primeira força de cavallaria — Um automovel carregado de bombas e carbonarios, furado pelos tiros da guerrilha.

— Não houve lucta ?

— Os guardas não puderam resistir. Nós tomamos-lhe o armamento d'assalto, e além de nos atirarmos de surpresa, nós esmagavamos-os pelo numero. Do meio dia para a uma hora estavam reunidas para ahi umas 300 pessoas. O armamento que havia já não chegava a nada. Ahi pelas duas horas da tarde, ouvimos fogo, para as bandas d'onde fôra o administrador. Ficamos afflictos. E deixando a villa tomada, agarrei em 70 ou 80 homens e fui ver o que era. Marchamos apressados, mas quando chegamos já não vimos nada. Tinha sido uma força de cavallaria que se aproximára, e a minha gente em vez de a deixar vir, fez-lhe fogo, matando 2 cavallarias. Ralhei...

— Porquê?

— Porque tinham feito asneira. Eu tinha os 300 homens divididos em 3 pelotões, magnificamente entrincheirados. Conhece Cabeceiras ?

— Não conheço.

— A villa fica n'uma baixa e é dominada por trez altos que os 3 pelotões tomaram. A cavallaria só podia entrar por dois sitios e sair por um. Se não lhe fazem fôgo lá em cima na estrada, eu engarrafava-a, que era o meu pratinho! Fiquei desesperado, mas elles disseram-me — « *A gente apeteceu nos fazer fôgo!*... » N'esta altura, rompe um automovel n'uma curva e esbarra-se commigo. Eu

tinha ido em linha d'atiradores pelos altos da serra, fôra da estrada nova. Ahi a duzentos metros intimei o automovel a fazer alto. O automovel parou, mas a estrada era estreita, elle não podia dar a volta sem uma manobra vagarosa, e pôz-se a dar contra-vapor, preparando-se para fugir. — « *Não fujam! porque se forem passageiros não lhe fazemos mal!* » Em vez de parar, o automovel continuou a dar contra-vapor, e foi fugindo. Então, atirou-se-lhe fôgo para cima: morreu o *chauffeur* e outro individuo. Um terceiro saltou para o logar do *chauffeur*, e outro deita-se abaixo do automovel, e levanta o braço, pedindo que não atirassemos mais. — « Sim, senhor! » E mandei parar o fôgo. Mas o automovel continuava a recuar, a recuar, fugindo para a curva, e se o deixassemos sumir-se para a curva elle escapava-nos. Vendo que o homem que levantára o braço nos enganára, um atirou-lhe e o homem caiu atravessado por uma bala para dentro do carro, com as pernas partidas. O automovel ia já quasi na curva...

— Milagre não inutilisarem o carro.

— Ia já a verter gazolina, todo arrombado. Mas assim mesmo fugia. Do automovel atiraram uma bomba. Não sei para quê, porque a bomba caiu ao pé d'elles. Foi então uma descarga cerrada, cá do nosso lado. O automovel acabáva de metter á curva. Corremos para lhe atirar, e cortar-lhe d'uma vez a marcha. Mettemos as armas á cara, iamos a desfechar quando nisto... atravessam a estrada oito ou dez creanças, não lhe podemos atirar, e o automovel lá foi descontio que só com um homem vivo: o que guiava. Voltamos para a séde do concelho, deixando, já se vê, as vedetas na estrada. Emquanto isto se passava, encaminhava-me eu para a villa. No caminho recebo recado de que o

administrador voltará com carbonários, e trouxera armamento que estava a distribuir.

O administrador distribuindo armamento a carbonários — A guerrilha rompe o fogo, ficando senhora do terreno — Feridos — O escrivão de fazenda.

— Por onde entrára elle?

— Cabeceiras é servida por duas estradas, uma a de Roussas que vae á Pova de Lanhoso e Braga; outra que vae pelo Arco, Fafe, Guimarães e Braga. O administrador sahira pela primeira, e voltára pela segunda. Os meus homens deixaram-o entrar porque não quizeram fazer fogo sem ordem minha. Avisaram-me da chegada d'elle, e accrescentaram-me, o que era verdade, que o administrador dizia: « *Tenho aqui umas bombas para illuminar esta noite umas certas casas. Não houve fogo pelo S. Pedro, faz-se hoje a festa* ». Essas casas eram a minha e as mais que depois foram incendiadas. Ameaçava tambem o administrador, ao distribuir lá o armamento: — « *A primeira bala é para o Padre Domingos* », ao que eu retorqui: — « *Pois é pena não se lhe poder dizer mesmo a elle, mas... sempre o digo aqui: deixei-o ir, elle voltou, agora já não torna a sair. Mas primeiro vamos a comer o rancho.* »

E, com o terrível vagar da sua inflexível serenidade, o Padre Domingos manda servir o rancho á guerrilha. Reparadas as forças do acampamento, ordenou o fogo, que elle descreve assim:

— A villa de Cabeceiras é um bacalhau. O rabo do bacalhau é o poente, e deita para minha casa. Era ahí n'esse ponto que estava. O administrador e carbonários estavam na praça que é no centro; eu guardava o

flanco esquerdo, que era por onde podiam vir forças. Dispuz uma linha de fogo de oito rapazes, — eu nunca tive mais de oito a dez homens na linha de fogo —, e disse-lhes: « *Vocês rompem o fogo* ». Mas recommendei que as duas primeiras descargas fossem altas. Effectivamente tão altas elles as deram que foram cahir lá para casa dos diabos! Uma bala foi cahir a dois kilometros e cravar-se no pé d'uma senhora. A' primeira descarga, a gente que estava com o administrador fugiu logo, abandonando o armamento. O commercio fechou todo, e a povoação abandonou a villa. Era o que eu queria, para não haver desgraças. Ordenei então alças a 200 metros. E a nova descarga, dos dois individuos que tinham ficado com o administrador, um fugiu para a estrada, onde eu estava, o terceiro encobre-se com as casas que ficam do mesmo lado d'onde se fazia fogo, de maneira que se abrigou; o administrador correu para o lado opposto ao fogo, fugindo para dentro d'uma casa, apanhando um tiro que lhe entrou pelo hombro e sahiu pela axilla do outro lado, e outro tiro que lhe quebrou as pernas.

— Não houve mais feridos?

— Outro carbonario apanhou uma bala n'uma perna, á primeira descarga com as alças de 800 metros; foi o tal que fugiu para a estrada. Logo de manhã, foi o primeiro tiro que se deu, ficára ferido o escrivão de fazenda. Homem que deve tudo ao sr. conde de Villa Real, que foi quem fez d'elle gente, logo depois do 5 d'outubro revelou o que é. A minha gente apanhou-o a espiar, seriam as nove para as dez horas da manhã, proximo á estrada que marcha para o Arco de Baulhe; fizeram-lhe fogo, atravessando-lhe logo os queixos com um tiro, voltando o homem em braços para casa.

O levantamento de Celorico de Bastos.

—E o administrador morreu logo?

—Só ao outro dia, domingo, ao rancho soubemos que tinha morrido. Postos em debandada os carbonarios, mandei inutilisar o armamento que elles abandonaram.

—Então não se quiz servir d'elle?

—Era uma sucáta, uma porcaria que não prestava para nada! Umas espingarditas ordinarias! E nós tambem não tinhamos munições que lhes servisse, deitei tudo fóra. Esse resto do dia e noite ficamos nos acampamentos, que eram, como lhe disse, nos tres cabêços dominantes da villa. A noite passou-se sem novidade. No domingo de manhã, o caso constou, e juntou tudo quanto havia, o poder do mundo! Chegaram a estar no acampamento 1.800 homens. Mandei-os embora, porque não tinha com que os armar, e sustentar tanta gente ficava cáro.

—Qual foi o contingente maximo da guerrilha?

—Seiscentos e cincoenta homens, mas só cincoenta armados d'armas de guerra, Mauser e Winchester. O resto eram espingardas de fogo central, caçadeiras. Tambem não precisava de mais!... (*affirmou com um seguro desdém o Padre Domingos. E continuando*): Soube n'esse domingo que estava tambem levantado Celorico, já com administrador e camara nomeados, e a monarchia proclamada. O povo de Celorico quiz fuzilar o administrador republicano. O novo administrador não deixou, teve depois o pago, porque foi quem mais o perseguiu foi o administrador republicano a quem poupára a vida. A gente de Celorico queria juntar-se a mim, mas eu mandei-lhe dizer: «*Não venham porque não tenho armas!*»

—E os outros concelhos não se levantaram?

—Os outros concelhos, aquelles que tinham promettido levantar-se, são da mesma fêbra qu'a nós, não teem sangue de Judas. Jam levantar-se quando receberam contra-ordem... contos largos!

Forças idas para atacar a guerrilha e que recuam sem cruzar fogo — Depois, apparece infantaria 18 sendo batida pelo fogo dos guerrilheiros.

—Bem, falemos do que se póde falar, do que foi publico: continuemos a historia da guerrilha de Cabeceiras.

—No domingo á tarde, fomos avisados de que vinha pela estrada de Chaves uma força de cavallaria. Realmente veio, mas assim que soube que estavamos entrincheirados, a força voltou para traz, recuando para 8 kilometros. Nós ficamos onde estavamos, e dormimos outra noite no acampamento. Na segunda-feira vem outra força...

—De cavallaria?

—De infantaria. Quarenta e cinco praças, em automovel. Mas não passou do Arco. O official que a commandava, mal chegou ao Arco, deitou o óculo, e, vendo onde nós estavamos, diz: «*—Acolá nem com um regimento se lá entra! Não estou para sacrificar a força. Vamos embora!*» E não entrava, da maneira que nós estavamos entrincheirados não entrava! Passou-se o dia de segunda-feira, passou-se a noite, e na terça-feira sômos avisados de que vinha uma força de infantaria 18. «*—Deixal-a vir. E' muita? E' pouca?*» — «*E' muita força!*» — «*Pois vamos ahí dar o corpo ao castigo!*» Eu tinha um reles binculo de theatro...

— Um binoculo de theatro? insistimos nós.

— Rélissimo, mas não se ria porque alli a gente servia-se do que tinha. Deitei o binoculo, e vi que effectivamente eram os *valentes* do 18, mas que não eram em numero de metter mêdo. Calculei que a força me atacaria logo; mas não, a força hesitava. Eu não podia ir para elles em campo razo; era preciso que a força avançasse...

— Porque não podia ir para elles em campo razo?

— Vou explicar-lhe a situação dos pelotões e a topographia do logar e já entende. Entre a villa e a margem esquerda do rio ha uns pinheiros. Era na banda d'esse pinheiralsito que a força estacára. Do lado de cá do rio fronteiro á villa e fechando a bocca d'onde a força se approximára ha um planalto de rocha, onde eu estava com o meu pelotão. D'esse planalto desce um môrro que se esbate n'uma esplanada, cortada por um córrego estreito que serpenteia desde o sopé do môrro até atar no rio. No vertice da affluencia do córrego e do rio, ha um oiteiro, em cuja falda estava postado outro pelotão da guerrilha. Do mesmo lado do planalto que eu occupava, ha outro planalto tambem de rocha, onde entrincheirei a terceira fracção da guerrilha. A area do triangulo dos planaltos é a esplanada, a baixa, o campo razo; a base do triangulo é a linha que liga os dois planaltos situados de cada banda do córrego. O lado do triangulo, medido desde o vértice confluyente do rio e córrego ao sopé do planalto onde eu me fortificára, estava ameaçado pela força; pela garganta aberta o oiteiro e o outro planalto, isto é, o outro lado do triangulo, podia surgir outra força que me puzesse entre dois fôgos, se eu descesse á esplanada. Era, pois, preciso um ataque

simulado que os attrahisse á esplanada, e depois de elles entrarem dentro do triangulo eram meus. Bem. Na ponte sobre o rio, para além do oiteiro, tinha eu uma defeza de 40 homens, apenas para bater aquelle lado. Que é que eu fiz? Primeiro, dei ordem aos pelotões para mostrarem pouca força. Cada pelotão tinha duzentos e tantos homens, mas apenas quarenta estavam á vista, o resto tudo agachado. E pela ravina que ficava entre o meu planalto e o outro da base do triangulo, mandei dez homens, recommendando-lhes que atravessassem frente á força, se mostrassem na esplanada, dando fogo lento. A força do 18 seria assim attrahida, eu deixava-os sair do pinheiral e entrar na esplanada, descia do meu entrincheiramento e cortava-lhes a retirada; o outro planalto fechava-lhes a outra porta, e os homens lá do oiteiro, apertavam com elles, que ou elles se rendiam, ou ficavam alli todos. Mas rendiam-se logo!... Aquillo nem era preciso gastar um tiro! E o que eu queria era engarrafal-os. Senão é a precipitação dos rapazes, já aquella primeira força de cavallaria me tinha cahido nas mãos. Era o meu gostinho: prender-lhes e desarmar-lhes uma força de cavallaria e outra de infantaria!

— E então?

— Então, eu recommendára e tornára a recommendar: fogo lento, e se elles responderem, vocês mostram-se fracos, e fogem para o outro lado. A finta correu bem, os dez rapazes desceram a ravina, fôram pelo córrego adeante que, com o verão, não levava mais que um fio d'agua, e assim que se mostraram a força do 18 entrou na esplanada. Mas o diabo do outro pelotão assim que os vê pôr pé na baixa, arruma-lhes fôgo, cortando a força ao meio. Assim que viram aquillo, os soldados não quize-

ram saber de mais avançadas deitaram a fugir, n'uma fuga desordenada, sem fórma, sem nada, creio que com algumas baixas. Mas isso não sei, e o que não sei e não vejo, não digo, diziam...

Sobre um calor tropical uma noite de chuva.

— E não responderam?

— Elles? Nem um tiro deram na retirada. Estou-lhe a dizer que foi uma fuga desorientada, vergonhosa mesmo!... Empurrámo-los com uns tiritos, e fomos para o córrego, beber agua que estavamos mortos de sede.

— A sede da columna de Chaves!

— Não faz a mais pequena idéa do que é essa sede! Parecia que seccávamos o córrego. Era um dia de calor abrazador, o dia mais quente do anno; o sol queimava a pelle curtida de caçadores. Nós tínhamos estado sobre as pedras, as pedras ferviam: sol por cima, a pedra quente por baixo, era um horror, um horror! Para cumulo, n'essa noite uma carga d'agua no acampamento não deixou ósso enxuto. Lá soffremos a chuva conforme soffreramos o sol, e no dia seguinte, quarta-feira, diziam que vinham grandes forças contra nós.

A guerrilha põe-se em marcha para se juntar á columna de Paiva Couceiro.

— Era certo?

— Soube que estavam umas forças na Gandarella, debaixo do commando do tenente Beltrão, reformado no tempo da monarchia, por incapacidade moral; mas as forças não vieram. N'essa tarde recebi jornaes que davam já a noticia do resultado de Chaves e da ida de Couceiro para

Soutelinho. Annunciavam-me tambem que atacaria segunda vez Chaves. Como eu tinha ordem de ir para leste a Villa Pouca d'Aguiar, em vez de ir a Villa Pouca cortei direito ao Couceiro. Marchamos toda essa noite, e fômos acampar, de manhã, ás alturas da Borralha, comarca de Montalegre, ao pé das minas de Wolfram. Entretanto, chega-me ao acampamento noticia de que Couceiro retirára de Soutelinho para Villar de Perdizes. « — Naturalmente, pensei entre mim, o Couceiro vem direito a Ruivães, e se vem a Ruivães, estamos juntos! » Na duvida, expedi dois portadores, a cavallo, saber do Couceiro.

Outra força de cavallaria.

— E ficou á espera na Borralha?

— Fiquei. Eu não achava bem o acampamento, que era no planalto de Maçã, e de manhã disse: « — Nós não estamos aqui bem! Por aqui podem passar as tropas de Ruivães para Montalegre, e arriscamo-nos a levar uma carga de cavallaria! » — « Não, não ha perigo! » disseram. Mas ao rancho da manhã iamós começar a comer, uma das sentinellas gritou: « Vem lá cavallaria! » « E' muita? » — « E'! » A cavallaria vinha ainda a 1.800 ou 2.000 metros. — « Bem, disse eu, isto aqui rapazes, é a gente aguentar-se a pé firme. Não podemos retirar, vamos lá a ver o que sae! Deixem o rancho, porque de duos uma: ou o vimos depois comer socegados ou já nos não é preciso, porque não tornamos a comer rancho ». Deixou-se o rancho; havia ali uma elevaçõsita, coisa de nada, coberta com uns fetos, e para lá fomos, formando-se logo quadrado.

— Formaram quadrado?

— Ah! nós tínhamos reservistas muito bons, que conheciam muito bem o serviço militar, e nas horas

vagas ensinava-se a recrutar nos acampamentos, e a rapaziada já ia muito bem. Estender em atiradores, formar quadrado, etc., isso faziam elles que parecia nunca terem feito outra coisa, toda a sua vida.

E a fleugma com que o Padre Domingos descrevia a sua guerrilha aprendendo instrução militar nos entrancheiramentos naturaes das serranias, entre duas alertas das vedetas, evocava as continuas descargas, no interior das linhas russas, exercitando as incessantes levas de recrutas, durante o armistício, sem se importarem que os tiros fossem ouvidos pelas avançadas de Murat.

Sem dar pela belleza da sua serenidade, o Padre Domingos continuou:

— Formado o quadrado, mandei fazer alças para 200 metros. Os homens achavam pouco mas eu confirmei a ordem, que se cumpriu, e esperamos. A cavallaria vinha n'uma pequena elevação, depois tinha de descer, e era quando ella fosse a descer que eu queria dar-lhe a primeira descarga. A 1.400 metros a cavallaria estacou, desmontou e estendeu em atiradores. Nós, mudos e quédos. Depois, a cavallaria levantou-se, montou, e retirou, a tres de fundo.

Populações inteiras do Minho querem juntar-se á guerrilha.

— Sem fazer fôgo?

— Sem abrir fôgo; lembrei-me que estando a cavallaria proxima de Ruivães, fosse chamar a Ruivães infantaria, para nos vir então atacar.

— E a guerrilha retirou?

— Não, senhor. Procurei entrancheirar-me sem perda de tempo e aproveitei uma defeza natural, nas rochas da serra onde fui acampar.

D'ahi, mandamos buscar comer ás povoações visinhas, que promptamente nos levaram lá tudo quanto foi preciso: presunto, pão, até canja de gallinha, e vinho que eu não dei-xei beber. Nunca nos faltou comida, tivemos tudo quanto precisamos! era o povo ao despique para nos ajudar. Aguentamo-nos ahi todo o dia.

Dissolve-se a guerrilha.

— E a cavallaria?

— Não tornou a apparecer. Dormimos ahi a noite, e ainda ahi comemos o rancho da manhã seguinte. Chegaram então, os meus portadores, que tinham seguido o rastro de Paiva Couceiro até á raia, com a noticia de que o Couceiro se retirára para Hespanha. Estava tudo acabado. N'essa tarde chamei os meus homens e disse-lhes:

— « Rapazes! Está tudo acabado, vamos separar-nos. » Elles, coitados, choravam desesperados e responderam: — « Deixêmo-nos aqui morrer! » (E o padre Domingos empallidece ao reviver essa scena de abnegações que teimavam em sacrificar-se, agora mais do que nunca provada a inutilidade do sacrificio). « Nós sósinhos nada podemos fazer. E juntos, podemos ser massacrados ». Lá consegui convencel-os a separar-nos!...

— Admiravel gente! E ainda querem que o character tenha morrido em Portugal.

— Não falta gente! affirma o Padre Domingos, commovido. Revolucionarios ha elle, o que falta é cabêças!... Gente, gente ha até de mais! Ha toda a que se quizer. E para se deixar morrer quando fôr preciso. Os de Cabeceiras foram-se desesperados, chorando, não de se verem desgraçados, atirados para o exilio, para o Brazil, para o que fôr, mas por verem mais uma vez perdida a causa.

A guerrilha, não conseguindo juntar-se á columna de Couceiro, dispersa, mas o Padre Domingos fica ainda muitos dias no meio das forças republicanas e assiste de perto ao incendio da sua casa.

O Padre Domingos encolheu os hombros á desgraça e andou para deante:

— Alguns dos homens vieram logo para Hespanha. Outros foram passando a raia conforme lhes foi possível.

— E o Padre Domingos?

— Ah! eu fiquei a mais dez homens, armados, que não me deixaram até Hespanha. Ainda no acampamento, soube que me haviam incendiado a minha casa, a casa de meu irmão, e a casa de um merceiro, sob o pretexto falsíssimo de que tinha envenenado o vinho. Juro! Juro que é falso. Quanto ao meu irmão, nada tinha com o movimento, estando até de relações cortadas commigo. A mim deixaram-me sem nada, queimaram-me tudo. Queimaram e... levaram. Porque antes de deitarem o fogo á minha casa, saquearam-n'a, ficando eu sem oitocentos mil reis em dinheiro, alguns papeis, uma collecção de moedas d'ouro, e uns aneis que dias depois foram vistos nos dedos das mulheres de Braga. Depois é que se seguiu o incendio, em que deram provas da maior malvadez. Imagine que queimaram a criação, gallinhas, até os cães! Um soldado quiz abrir a porta aos cães que uivavam em ancias terríveis. Pois ameaçaram-o de que lhe davam um tiro, se salvasse os cães. O soldado, n'essa mesma noite, desertou, horrorizado.

— Foi o povo que deitou o fogo ás casas?

— Não, senhor. O incendio da mi-

nha casa foi assim: tocaram os clarins, cercaram a casa de tropa para o povo não impedir o incendio, prova que não foi o povo que pôz o fogo. Isto foi n'um dia á tarde; no dia seguinte de manhã, incendiaram a do meu irmão e depois a do negociante Gaspar José Gonçalves d'Almeida, o tal que falsamente accusaram de envenenar o vinho.

O terror em Cabeceiras — Ninguém se atreve a recolher a familia do guerrilheiro — uma creancinha de um anno dormindo duas noites no campo e á chuva.

— E a sua familia?

— Estava lá, em Cabeceiras... (respondeu o guerrilheiro, com a voz trémula). Quando me foram dizer que me tinham incendiado a casa, perguntei: « E a familia? » — « Não tem perigo! » — « Então deixe arder! » — A pequenada andava a brincar no quintal; quando viu as forças deitarem o fogo á casa, fugiram para os campos. E chegaram a discutir se haviam de trucidar as creanças.

— O que?! exclámamos, horrorizados.

Já senhor de si, com a rigidez solemne d'um accusador que vaé repetir a aberração d'um réo, o Padre Domingos affirmou:

— O tenente Beltrão lembrou: « O Padre Domingos é um homem perigoso. Vocês não o conhecem, mas eu conheço-o bem. E' perigoso! Emquanto elle fôr vivo, se lhe der na cabeça, não temos socêgo. Vivo não se apanha. Mas ha um meio de o termos morto. Trucidem-lhe a familia, que elle não deve andar longe, talvez me esteja a ouvir, e em se lhe matando a familia elle vem ». E não estava longe, não. Estava alli, no meio d'elles, no meio das

tropas. Vi-lhes render as sentinellas !
— *ajuntou com voz rouca.*

As unicas baixas que teve a guerrilha.

— E da sua guerrilha não perdeu ninguém ?

— Emquanto estivemos juntos, não perdi um homem. Depois d'ella dissolvida mataram-me dois : um que se deixou ficar a dormir, outro quando vinha a sair de uma venda, de comprar cigarros, desarmado, e que assassinaram mi-se-ra-vel-men-te ! O pobre rapaz sahia, quando dois soldados de cavallaria chegaram á porta e se apearam, entregando-lhe os cavallos : « *Segura ahí emquanto a gente vae aqui beber uma pinga !* » O rapaz ficou a tomar sentido nas montadas, e os dois cavallarias quando voltaram, montaram, e depois de estar em cima dos cavallos, disseram um para o outro : « *Agora podemos matal-o !* » O rapaz pôz-se de joelhos, a pedir misericordia, mas elles não quizeram saber : metteram a arma á cara e desfecharam, á queima-roupa, desandando, a rir ás gargalhadas. Foi um assassinato barbaro !

— Quantos dias se demorou ainda ?

— Até 24 de julho. Puzeram a minha cabeça a prémio, diz que davam dez contos por ella. Podiam offerecer mil que não a compravam. Estive até 24 de julho no meio das tropas republicanas, e não estive mais porque me não foi preciso nem me apeteceu.

E num rictus que lhe arrepanha a bocca, n'um tic nervoso que lembra o fascies de Mouzinho d'Albuquerque :

— A nós não nos agarravam elles, que temos raça de cabra !

— De Cabeceiras veio para Hespanha ?

— Eu e mais os dez companheiros, viemos ter a Orense. Chegamos n'um estado medonho, desgraçados

dos pés, a barba crescida, esfarrapados das serras, rotinhos ! E para os onze homens, que eramos, eu trazia commigo quatorze mil reis. Fui comprar umas alpargatas, e tomar um banho.

— E a sua familia, ficou amparada ?

— Agora graças a Deus está amparada, mas nos primeiros tempos passaram muita fóminka !... Só dois dias e duas noites andaram as creanças a monte, dormindo uma creancinha de um anno durante duas noites, no campo, ao frio e á chuva, sem uma manta, sem um casaco, como estavam quando fugiram. Tinham espalhado o terror em Cabeceiras, dizendo que quem os recebesse seria perseguido e a casa queimada. Foi um homem pobresinho que disse : « *Pois ainda que eu morra recolho-os !* »

O Padre Domingos avisata-se com Paiva Couceiro.

A figura bronzea do guerrilheiro fraquejou n'esse doloroso minuto, mas o montanhez affastou de si as silvas d'aquella commoção, e proseguiu senhor das verêdas do sacrificio :

— Em Orense encontrei logo gente conhecida. E o Couceiro, sabendo que eu estava em Hespanha, mandou-me chamar. Fui a Pontevedra, para onde o Couceiro fôra quando deixara a casa do Telheiro. Recebeu-me o D. Eduardo Ceia, appareceu tambem o filho, mas o Couceiro acho que estava com gente quando eu cheguei e demorou-se. N'isto, abriu-se a porta da sala, e entrou o Couceiro que eu nunca tinha visto na minha vida. Na sala estavam tres pessoas : o Alfredo de Monteverde, nosso antigo conselheiro de Legação, um padre que pelo cabeção se via bem que era padre e eu. O Couceiro conhecia o Monteverde, mas nem co-

nhecia o padre que estava de cabeça nem me conhecia a mim; e, ao entrar, perguntou: « Qual dos senhores é o Padre Domingos? » — « Eu » — respondi. Então... (e a voz do Padre Domingos começa a turbar-se, os olhos alagam-se-lhe d'agua) então o Couceiro dá-me estas palavras que valeram e me consolaram de tudo quanto tenho passado e estarei para passar: « Deixe-me abraçar-o. O senhor foi o unico homem lá de dentro que me não enganou ». Abraçou-me, eu abracei-o, e só lhe disse: « Agora é tarde, e Ignez é morta! » O Couceiro cumprimentou as outras pessoas, e voltando-se para mim, propoz: « Va-

mos conversar aqui para esta outra sala ».

A voz do Padre Domingos estacou, dos embargos que a emoção d'essa conversa lhe lançára, ao evocal-a; mas uma braza de cólera seccou-lhe os olhos, e o guerrilheiro reapareceu presto, concluindo:

— Enganado! vilmente enganado! E' o unico defeito do Couceiro: uma boa fé que vae até á ingenuidade. Antes seja assim! Não venceu, caiu, mas caiu limpo. E o seu nome de militar, o seu prestigio, o seu caracter ninguem lh'o tira. Lá anda nas cantigas do povo. Vão tiral-o de lá, se são capazes!...



